



REP's - Revista Even. Pedagóg.

úmero Regular: Matemática e suas interfaces com o ensino

Sinop, v. 13, n. 2 (33. ed.), p. 227-237, jun./jul. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

AS CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS DE PROFESSORES FORMADORES DO ENSINO SUPERIOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

THE CONCEPTIONS AND PERSPECTIVES OF TEACHERS TRAINING HIGHER EDUCATION IN THE EDUCATION OF YOUTH AND ADULTS

Daniela Juda de Oliveira

RESUMO

Este artigo tem como objetivo estabelecer quais as concepções e perspectivas, na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop, em relação à formação docente, voltada à Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa baseou-se nas perspectivas de Paulo Freire, que relata sobre a educação como prática social libertadora e igualitária. A metodologia adotada foi qualitativa com entrevistas semiestruturada com duas professoras do curso de Pedagogia, realizadas no primeiro trimestre de 2022. Conclui-se que a universidade tem uma boa formação docente, apesar da pouca carga horaria destinada à disciplina na EJA.

Palavras-chave: EJA. Formação. Educação.

ABSTRACT²

This article aims to establish which are the conceptions and perspectives, at the University of the State of Mato Grosso, Campus of Sinop, in relation to teacher

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS DA PRÁXIS NA EJA SEGUNDO A VISÃO DE PROFESSORES FORMADORES DO ENSINO SUPERIOR**”, sob a orientação do Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2022/1.

² Resumo traduzido pela professora Karina Hubner Ferassolli Sansoni, graduada em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/Câmpus de Sinop e mestranda em Letras (Linguística Aplicada) pelo PPG Letras - UNEMAT/Câmpus de Sinop. E-mail: karina.hubner@unemat.br.

training, focused on Youth and Adult Education. The research was based on the perspectives of Paulo Freire, who reports on education as a liberating and egalitarian social practice. The methodology adopted was the qualitative with semi-structured interviews, with two university professors of the Pedagogy course, carried out in the first trimester of 2022. It is concluded that the university has a good teacher training, despite the low workload allocated to the discipline in EJA.

Keywords: EJA. Teacher Training. Education.

Correspondência:

Daniela Juda de Oliveira. Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN). Sinop, Mato Grosso Brasil.

E-mail: daniela.juda@unemat.br

Recebido em: 8 de junho de 2022.

Aprovado em: 21 de junho de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6323/4637>

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino cujo público alvo são cidadãos que, por motivos sociais ou pessoais, não conseguiram obter a finalização a ou continuidade de seu processo de escolarização no período previsto.

Este artigo tem como objetivo compreendermos como ocorre o processo formativo, em nível superior, dos profissionais educadores que estarão atendendo ao público da EJA, para que assim entendamos melhor a práxis educativa, ou o alinhamento da teoria à prática, que deve ser alcançado no chão das instituições de ensino, a partir da visão desses docentes formadores da universidade, e em compreender as concepções e vivências desses professores especialistas.

Para a metodologia, realizamos entrevista semiestruturada com dois professores formadores em EJA da UNEMAT. Os autores que embasam esta pesquisa são Paulo Freire e Alberti Venena.

2 REFERENCIAL TEORICO

Pensando nas abordagens de entrevistas pelas quais eu iniciei esta pesquisa, e levando em consideração as vivências das educadoras durante o período de docência na UNEMAT, se faz necessário um mergulho nas vivências e trajetórias dos educadores na EJA e as suas experiências. Como essas histórias, os sujeitos estão narrando os fatos que aconteceram durante as suas trajetórias como educadores. Sobre esse aspecto, Verena (1990, p.37-38) destaca que:

Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados. Podemos concluir desde já que uma entrevista de história de vida é geralmente mais extensa do que uma entrevista temática: falar sobre uma vida, realizando cortes de profundidade em determinados momentos, exige que entrevistado e entrevistador disponham de tempo bem maior do que se elegessem apenas um desses cortes como objeto da entrevista.

A história é, antes de mais nada, o lugar dos sujeitos na produção de sua existência e das representações que dela derivam e com ela se conectam.

Nesse sentido é que Paulo Freire, em seu livro **A educação como prática de liberdade**, nos convida a problematizar:

As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida (FREIRE, 1967, p. 39).

O homem como sujeito da história é um sujeito das práxis, porque suas ações e mediações produzem transformações subjetivas (humanas) e objetivas (a realidade exterior).

O papel do educador na alfabetização de jovens e adultos é desafiador e ao mesmo tempo gratificante, pois suas ações pedagógicas incidem positivamente não só na aprendizagem, mas também transformando a vida dos educados, como sujeitos de direito e de fato. A alfabetização na EJA tem em sua base se adequar as práticas e os métodos para uma melhor compreensão dos educandos. A respeito disso, Freire (1979, p. 72):

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procura mos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador.

As atividades desenvolvidas devem ser de acordo com as realidades dos seus educandos, o que me faz lembrar da importância da formação docente na universidade.

Pimenta (1999, p. 29), considera a formação docente como auto formação, haja visto os professores reelaborarem os saberes iniciais em confronto com as experiências práticas cotidianas. A autora nos dá a entender que é importante considerar uma aula e os fazes pedagógicos como uma troca de experiências, ao me ver adaptar as aulas aos alunos.

3 METODOLOGIA

Para que pudéssemos ter uma compreensão sobre o processo de formação sobre a alfabetização de jovens e adultos e as experiências vividas em sala de aula, nós apoiamos em entrevista semiestruturada com duas professoras que lecionaram na UNEMAT. Segundo Triviñus (1987, p.128), quando a investigação se baseia na fenomenologia, ela assume caráter essencialmente descritivo, e destaca:

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, [...] que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (1987, 146).

Por tanto, encontramos na entrevista semiestruturada ferramenta necessária para a construção de um diálogo aberto, com questionários que podem ser complementados, ou reelaborados no decorrer na pesquisa.

4 INTERAÇÃO EDUCADOR E EDUCANDO

Pensando como acadêmica, no término da graduação, em ingressar profissionalmente no mercado de trabalho, graças aos estágios que a universidade

nos proporciona, tenho perspectivas e saberes do papel que é ser docente nas escolas. Mas, para isso, foi necessário um longo processo de estudos. Segundo Pimenta; Lima:

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (2005/2006 p. 12).

A seguir, serão apresentadas as perguntas e respostas sobre a formação dentro da universidade.

Você acredita que o aluno já saia preparado para a docência na EJA tendo como base o estágio supervisionado na alfabetização de jovens e adultos?

(01) Professora 1: Eu acredito a que os processos de formação dos estudantes é uma formação muito completa na minha avaliação né. É claro que todo processo de formação tem por onde melhorar, né, mas hoje eu vejo que nós temos hoje, na formação dos estudantes da Unemat, um referencial teórico muito rico né, que é trabalhado no currículo. Temos profissionais muito competentes que trabalham a disciplina e também temos uma relação muito participativa de fato com as escolas com a oferta de educação de jovens e adultos. O que é uma observação, apenas, é que nós tivemos uma redução muito grande de turmas na educação jovens e adultos, e isso é prejudicial pra população geral que precisa do atendimento e também acaba prejudicando certa forma os nossos estagiários mais tarde na formação da universidade. Então, se eu acho que nós, sim, eu acho que nós temos uma boa formação, mas eu acho que nós, claro, se podemos avançar. Mas temos esse problema agora, né, que é recente de certa forma, né, relativamente recente, queda, diminuição das turmas no município de Sinop. Isso faz também um fenômeno de queda no estado, mas falando especificamente daqui isso faz com que a gente tem um pouquinho mais dificuldade pra conseguir que os nossos alunos formandos lá da Unemat façam os estágios.

(02) Professora 2: Com relação aos professores, em relação a formação docente de estágio, se acredita que os alunos saem de lá preparados né, em relação ao

estágio, sim, mas focando altamente na educação, acredito que não, né. Na verdade, assim, é um processo. A formação docente, ela é um contínuo, né, então ali, está só iniciando. Então, a teoria é muito importante, mas a prática, nós que já estamos há algum tempo, eu não me sinto preparada, né, não focada exatamente na educação jovens e adultos, porque eu não atuo na educação de jovens e adultos, mas cada dia é um aprendizado. Então, assim, contínuo.

Para dar continuidade sobre o tema formação acadêmica, a segunda pergunta aborda a formação acadêmica, agora partindo para a realidade da EJA e a formação universitária.

Neste segmento da educação, como você avalia a construção e formação acadêmica dos alunos que estão cursando pedagogia na UNEMAT e estão saindo da universidade para as escolas?

(03) Professora 1: Eu acredito que em grande medida já saiam preparadas. Agora, a formação, isso vale pra todas as horas né, nós vamos falar especificamente da formação do professor que vai dar educação jovens e adultos. Ela tem uma série de contribuições. Uma delas é a formação que ele recebe na universidade. Porque eu estou falando isso: é uma onda muito grande de desumanização das pessoas e de desvalorização da função social da educação. Quando eu falo isso, é importante pensar que, quando a pessoa não tem a capacidade de empatia, por que na EJA você precisa olhar o professor e falar, olhar essa pessoa, tentar imaginar como ela se sente por não ter tido formação no momento em que ela gostaria, por causa do trabalho, e que ela está ali enfrentando os desafios pra poder estar ali estudando, na pessoa que trabalhou o dia inteiro, na pessoa que deixou de cuidar da família, a pessoa que está cheia de problemas, que são típicos da vida adulta e que está ali pra ter essa formação. Estou dizendo isso porque quando você pergunta se o professor sai com a formação, muitas vezes ele sai, muitos deles são, mas muitas vezes, mesmo recebendo uma boa formação, se eu não tivesse a capacidade de olhar pro outro, se não tiver essa visão mais humana daquele aluno, a gente pode ter um ensino que não seja satisfatório. Hoje acontece muita invasão, que é um processo que é ruim [...], porque é um grande desafio essas pessoas. Muitas vezes, por exemplo, se uma escola aqui em Sinop tem ensino dito regular e o ensino da

EJA, eu já presenciei muitas vezes algumas situações, porque trabalhei lá no ano passado, com alunos com vergonha de ir pro intervalo e interagir com outras pessoas, com vergonha de se relacionar com outras pessoas porque ele acha que ele está atrasado. É a visão que eles têm, então pra isso precisa também da visão da pessoa humana, dessa humanização do profissional. Preciso da acessibilidade, empatia, e às vezes isso não acontece. Então nós temos uma formação que da conta com toda sua dificuldade do profissional, mas isso tem. Nós temos os fatores que vão influenciar nesse profissional.

(04) Professora 2 : Precisa ter uma perspectiva colaborativa com os alunos desde o planejar, do orientar eles em sala de aula. No começo, a gente percebeu que talvez são vários fatores interferem, pelas condições e tudo, que são pessoas trabalhadores, e aí à noite estudando, estavam bem cansados e um pouco, assim, desmotivados. Mas é, no fim dá tudo certo. Sabe, assim, eles inventaram. Foi maravilhoso, porque tem uma metodologia, uma maneira de ali, com eles, que vai de acordo com a realidade deles, que eles possam participar. Dá certo, mas é limitado, né. Eu disse, então, assim, outras estruturas interferem na modalidade educação. É um sistema de ensino como um todo, mas foi bem gratificante.

Como professor formador universitário, qual sua visão de Educação de Jovens e Adultos e como ela deveria ser na prática, considerando todo conhecimento, teorias, legislações e contribuições de grandes teóricos e pensadores como por exemplo: Paulo Freire?

(05) Professora 1: Eu penso que isso também é relativo. Às vezes, educador para educador, mas nós temos grandes exemplos de educadores no estado que de fato, né, no município também, que de fato consegue fazer a junção do que a teoria de Freire e de outros autores, né, da área da educação dos adultos da própria educação, com a devida relação com a prática. Agora, existem ainda muitos educadores, né, que as vezes tem uma visão equivocada, e isso pode acontecer por conta da ausência/presença dos estágios, que é uma relação direta pra você perceber que aquele estudante de educação de jovens e adultos, ele precisa da formação que esteja associada com seu cotidiano. Porque, o que acontece com

muita frequência: os professores tratarem infantilizar o processo do ensino na educação de jovens e adultos. É um dos primeiros [problemas] que nós enfrentamos. inclusive com, os alunos, como a gente vai ministrar disciplinas com os alunos da pedagogia nesta disciplina de jovens e adultos, então nós temos esse desafio de cada vez mais superar essa percepção de que alfabetizar, por exemplo, na educação de jovens e adultos, precisa ser infantilizado, que na verdade pra educação jovens e adultos não pode. Na verdade, elas precisam associar com as vivências. Então nós temos grandes desafios, mas eu penso que, em grande medida, acontece. Nós temos bons educadores, que já há bastante tempo tem compreendido e conseguido relacionar trabalhar conjuntamente de forma dialética a teoria e a prática.

(06) Professora 2: Usando principalmente os métodos de Paulo, a educação igualitária, libertadora, isso acontece de fato, aplicado na prática, acontece de maneira limitada no sentido de poder acontecer pela prática educativa. Mas existem muitas interferências, né, no próprio sistema de Ensino não só em relação a modalidade educação jovens e adultos, mas no ensino como um todo né, amor. No sistema de ensino brasileiro não existem condições adequadas, e a formação continuada, ela não existe da maneira que deveria existir. A estrutura adequada, a valorização profissional, e os interesses políticos, econômicos, sociais, tudo isso interfere. Então a relação da contribuição de nesses pensadores como Paulo Freire, pode acontecer de uma maneira limitada e digamos que essa educação hoje em dia é mais lógica com autonomia e tudo mais. Mais pela prática docente. Mas aí tem toda uma questão de tentar compreender quem são esses professores, né, porque a gente sabe que que a maioria dos profissionais que se forma pedagogos são pessoas da classe trabalhadora popular. Como você consegue garantir isso, uma consciência mais crítica, né, de um profissional que vem de um sistema que é desigual, que é contraditório em tudo. Então, assim, pode acontecer, mas de uma maneira limitada pela prática educativa, e a política educacional no Brasil acontece só em legislações, mas na prática, mesmo, é muito difícil, e todos os fatores interferem. Essa é minha concepção, sim.

Partindo do ponto sobre o papel do educador, de compreender as realidades do educando em ensinar aos alunos, podemos considerar:

A tarefa da educadora ou do educador seria demasiado fácil se se reduzisse ao ensino de conteúdos que nem sequer precisariam ser tratados assepticamente e assepticamente "transmitidos" aos educandos, porque, enquanto conteúdos de uma ciência neutra, já eram em si assépticos. O educador neste caso não tinha por que, ao menos, se preocupar ou se esforçar por ser decente, ético, a não ser quanto à sua capacitação. Sujeito de uma prática neutra não tinha outra coisa a fazer senão "transferir conhecimento" também neutro. (FREIRE, 2008, p.78).

As abordagens metodológico-práticas enquanto professor formador em EJA, na sala da universidade com os acadêmicos, para facilitar o processo de construção de conhecimentos necessários para formação desses indivíduos em sua profissão, foi um dos pontos que questionei. E, segundo as professoras, são as seguintes:

(07) Professora 1: O que acontece na educação é que nós conseguimos chamar a atenção desses jovens e adultos. O que chama atenção, o que desperta o interesse são coisas totalmente diferentes, que as vezes você e eu estamos ali, e não conseguimos perceber por que não compõem a nossa realidade. Talvez componham e talvez não. Então, por exemplo, a pessoa que tem que lidar no dia, com ir com cinquenta reais no mercadinho, comprar vinte e três itens, fazer um troco, de dialogar com a pessoa. É uma outra realidade que é diferente às vezes da nossa. E como que eu sei dessa realidade? Foi porque vivenciei, e nós temos muitos alunos que vivenciaram, ou eu vou ter alunos que viram, e eu vou ter que devem aprender a ouvir, observar. Então hoje, o que favorece, o que contribui mais para uma boa relação do professor com aluno da educação de jovens e adultos, é conseguir ouvir desse aluno, proporcionar momentos que ele possa ouvir, que ele possa falar, possa falar sobre a sua realidade. Porque eu vim da sua idade conhecendo que eu vou trazer elementos do trabalho, e aí a minha linguagem, passando para o segundo momento, digamos, dar resposta, a minha linguagem não vai poder ser infantilizada, a minha língua toda preconceituosa. Então, tudo isso são coisas que vocês aprendem no curso, na disciplina, de uma forma geral, e que é preciso exercitar, porque nem sempre é fácil, viu. Estou escutando que a pessoa está falando, de falar que você está tentando se colocar naquela realidade, ela está

relatando pra tentar entender e precisa muito de uma coisa. Está muito presente na minha avaliação, na vida de Paulo Freire, que a morosidade, por que quando você olha pra pessoa e percebe que ela é uma vítima de um sistema que não permitiu a ela, que não garante o direito de estudar no tempo certo, você tem outra relação, você tem outro tato para lidar, você tem outra disposição pra lidar com aquela pessoa, pra reparar uma dívida histórica que nós temos com ela. Essa sociedade produziu uma pessoa que não pode estudar no tempo certo. que gostaria, inclusive, que eu acho espetacular, eles querem muito aprender, eles querem muito. Eles estão muito interessados. Talvez eles não ficam, às vezes, por conta das dificuldades. Por isso que eu preciso olhar e observar né. Mas eles querem muito. Então, a relação passa principalmente pela morosidade, pelo ouvir e pela responsabilidade social com aquele sujeito que está ali, sabe muito bem como ele foi forjado na sociedade.

(08) Professora 2: Pra mim seria o pedagógico, científica e cultural, é saber que precisa se adequar as transformações que possivelmente terá que fazer ao decorrer das aulas, e dos anos. Por isso é importante continuar após a graduação com formação continuada, colocando em prática os ensinamentos e aperfeiçoamento.

Entende-se o fazer pedagógico vai além das aulas preparadas. É preciso observar a realidade em sala de aula, o dia-a-dia das aulas ministradas, e mudá-las, se achar necessário, de acordo com os resultados que estão sendo obtidos. E esses ensinamentos são práticas pedagógicas adquiridas na formação continuada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção desta pesquisa, notamos que a formação precisa de uma investigação mais profunda e atenta sobre o tema. O ser docente vai além da realidade acadêmica dentro de sala. Quando iniciamos a vida acadêmica docente, estamos em um processo de preparação no qual temos a consciência que um dia iremos que colocar em prática os ensinamentos adquiridos conforme os anos.

Em relação à a grade curricular para a formação na EJA, a carga horaria ofertada é insuficiente para que os alunos saiam preparados para a alfabetização de

jovens e adultos, apesar de terem profissionais qualificados durante a formação, enfrentar a realidade e delicadeza que é a vida real com os alunos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERENA, Alberti. **Manual de História Oral: a experiência no CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.